

# Full informatiu

Núm. 87 2 de Novembro de 2009



Gran Teatre del Liceu



Will Hartmann, David Pountney, Scott Hendricks i Anne Schwanewilms



Marie-Jeanne Lecca i David Pountney

O protagonista de *Król Roger* (O rei Roger), a ópera de Szymanowski estreada em Varsóvia no ano 1926, personifica as dramáticas tensões –dúvidas, atracção, medo, determinação– que experimenta quem tem de escolher entre a ordem e a liberdade, entre a responsabilidade e o desejo, entre a seguridade e o risco, uma eleição especialmente dramática para um rei –Roger da Sicília, do século XII– que, como nas tragédias antigas, tem responsabilidades públicas. No entanto, O rei Roger não é um drama histórico, mas sim um drama de ideias e, por isso, as suas personagens são encarnações das opções que a obra dramatiza. Por um lado, há os representantes da ordem –o bispo, a diaconisa, a corte– e, pelo outro lado, o deus Dioniso –o deus que Nietzsche identificou com a «embriaguez» e o «êxtase»–, que atrai as multidões a uma vitalidade entusiasta e livre de qualquer norma. No centro, e progressivamente atraídos por Dioniso, há a rainha Roksana e o conselheiro real Edrisi, mas, sobretudo, há o rei Roger, a que uns se dirigem para que condene Dioniso e outros para que o siga.

A ópera tem três actos: O primeiro explica a chegada a Palermo de um misterioso e bellissimo pastor –de facto, Dioniso– que uns condenam porque incita ao pecado e outros –Roksana e Edrisi– acham que é preciso ouvir antes de o condenar. O rei Roger, depois do sorriso luminoso que Dioniso lhe dirige, opta finalmente por pedir-lhe que venha de noite ao palácio real, onde será julgado.

O segundo acto deixa claro as dúvidas –e a fascinação por Dioniso– do rei num diálogo com Edrisi em que lhe explica como o inquieta o olhar do recém-chegado e a expressão dos olhos de Roksana, a qual ouvem cantar definitivamente inclinada já para a nova doutrina. Dioniso –o pastor– apresenta-se então para proclamar um culto que atrai uma multidão que baila, entusiasta e extasiada, uma dança ritual. Embora Roger o condene, a atracção de Dioniso sobre todos –incluído o rei– é evidente e, quando Roksana pede ao jovem deus de ir embora com ele, Roger tira a coroa e o manto real e decide segui-los como peregrino.

O terceiro acto localiza-se no espaço até onde chegaram os seguidores de Dioniso, marcado pelas ruínas e pela lassidão que segue às festas. É ainda de noite, mas a aurora –o espaço de Apolo, o deus da luz e da razão que Nietzsche contrapôs a Dioniso– se aproxima. Antes de sair o Sol, Dioniso ainda impera, como o mostra a atitude de Roksana e a dança báquica da multidão, que inclui sacrifícios rituais no altar que preside o próprio deus. Chega, porém, a alvorada e a música dilui-se. Roger entoia então um conclusivo e solene hino ao Sol Nascente, que deixa claro que venceu perante a tentação dionisiaca e que renasceu à luz e à razão de Apolo.

A música de *O rei Roger* é certamente ecléctica –evidente influência germânica, mas também russa e do expressionismo francês–, mas com uma personalidade inequívoca que inclui harmonias e timbres audazes muito atractivos.



Anne Schwanewilms amb el Cor del Gran Teatre del Liceu

## KAROL SZYMANOWSKI: *Król Roger* O rei Roger

10è aniversari  
nou Liceu

### Representacions

2, 5, 10, 11, 13 e 16 de Novembro de 2009, às 20 h;  
7 de Novembro, às 18 h;  
8 de Novembro, às 17 h.

### Ficha artística

Direcção musical: Josep Pons  
Encenação: David Pountney  
Cenografia: Raimund Bauer  
Vestuariu: Marie-Jeanne Lecca  
Iluminação: Fabrice Kebour  
Coreografia: Beate Volland  
Nova co-produção: Gran Teatre del Liceu / Festival de Bregenz

Roger II, rei da Sicília: Scott Hendricks / Artur Rucinski\*  
Roksana: Anne Schwanewilms / Monika Mych\*  
Edrisi, um sábio árabe: Francisco Vas / Roger Padullés\*  
Pastor: Will Hartmann / Pavlo Tolstoy\*  
Arcebispo: Daniel Borowski / Alexander Teliga\*  
Diaconisa: Jadwiga Rappé / Agnes Zwierko\*

\* 7 e 11 de Novembro de 2009

### Conferências

Conferência organizada pela associação Amics del Liceu na Sala do Coro do Gran Teatre del Liceu: Xavier Cester sobre *O rei Roger*. Terça-feira, 27 de Outubro, às 19.30 h.

### Actos prévios

45 minutos antes do espectáculo, oferece-se no Foyer uma sessão informativa sobre a ópera.

### Retransmissões

5 de Novembro, às 20 h.  
Radio Clásica de RNE (em directo).

10 de Novembro, às 20 h.  
Catalunya Música (em directo).

### Exposição

Exposição do tipo instalação «Belo como eu» sobre a ópera *Król Roger* de Karol Szymanowski. Organiza: Instytut Adama Mickiewicza. De 2 de Novembro a 30 de Dezembro de 2009. No Foyer.

Exposição de fotografias da Temporada 2008-2009 do fotógrafo Rubén Ferrer, Bolsa de Estudos do Liceu da Fundação do Gran Teatre del Liceu (outorgada a um estudante do Centre de la Imatge i la Tecnologia Multimèdia [Centro da Imagem e da Tecnologia Multimèdia] da UPC [Universidade Politècnica de Catalunya]).

### Livros

• **Karol Szymanowski:** *Le Roi Roger*. «L'Avant-Scène Opéra», 250. Paris: Éditions Premières Loges, 2009.

• **Friedrich Nietzsche:** *El origen de la tragedia*. Madrid: Espasa-Calpe, 2007.

### Música

**Concerto Szymanowski**  
«Em ocasião de *Król Roger*»

*Stabat Mater*, Sinfonia núm. 3

Riccarda Merbeth,  
Agnes Zwierko,  
Pavlo Tolstoy  
e Alexander  
Teliga.

Orquestra  
Sinfónica e  
Coro do Gran  
Teatre del Liceu  
Director de orquestra:  
Josep Pons  
Domingo, 15 de Novem-  
bro, às 17 h.



**O rei Roger não é um drama histórico sobre a Sicília do século XII, mas sim, sobretudo, uma obra de ideias expressas em situações e em personagens da Sicília do século XII, vista como um cadinho de civilizações e como imagem, portanto, da Humanidade. Entre estas ideias, a mais importante é a concepção de Nietzsche sobre a tragédia, que inclui os conceitos de apolíneo e de dionisiaco – o primeiro identificado com a beleza serena e o Sol, e o segundo com o instinto vital e a orgia – como duas constantes da natureza humana e, portanto, também da arte. Reproduzimos uns textos de O Nascimento da Tragédia (1872) – uma obra dedicada a Richard Wagner –, texto em que o jovem Nietzsche (1844-1900) os formulou pela primeira vez.**

«Estes nomes [Apolo e Dioniso] foram herdados por nós dos gregos, que fizeram assim inteligível o sentido profundo do seu conceito da arte, não por meio de conceitos, mas sim com a ajuda das imagens reveladoras do mundo das suas divindades.[...] Na arte, estes nomes representam antíteses estéticas que caminham uma junto da outra, quase sempre lutando entre si [...] Apolo é “o Resplandecente”, o deus do Sol e da luz, que se revela no resplendor. A “beleza” é o seu elemento e a eterna juventude acompanha-o. [...] O deus da bela aparência tem de ser ao mesmo tempo o deus do conhecimento verdadeiro. [...] Não é lícito que também falte na essência de Apolo aquela moderada limitação, aquele estar livre das emoções mais selvagens, aquela sabedoria e aquele sossego próprios do deus-escultor. O seu olho tem de possuir um sossego «solar»: Embora esteja enfurecido e olhe com mal humor, encontra-se banhado na solenidade da bela aparência.

A arte dionisiaca, pelo contrário, descansa no jogo com a embriaguez, com o êxtase. Dois poderes são, sobretudo, os que elevam o ingénuo homem natural até ao esquecimento de si próprio, o qual é característico da embriaguez: O instinto primaveral e a bebida narcótica. Os seus efeitos estão simbolizados na figura de Dioniso. Em ambos os estados [...] aquilo subjectivo desaparece totalmente perante a eruptiva violência daquilo geral-humano, mais ainda, daquilo universal-natural. As festas de Dioniso não só estabelecem um pacto entre os homens, mas também reconciliam o ser humano com a natureza.

De maneira espontânea, a terra oferece os seus dons e os animais mais selvagens aproximam-se pacificamente: Panteras e tigres arrastam o carro de Dioniso enfeitado de flores. Todas as delimitações de casta que a necessidade e a arbitrariedade estabeleceram entre os seres humanos desaparecem: O escravo é homem livre, o nobre e o de berço humilde unem-se para formar os mesmos coros báquicos. Em multidões cada vez maiores, vai rodando de um lado para outro o evangelho da “harmonia dos mundos”: Cantando e dançando, o ser humano manifesta-se. [...] Todos os instintos sublimes do seu ser revelaram-se nesta idealização da orgia.»

## A dramaturgia de David Pountney para *Król Roger*

Um sóbrio anfiteatro de arquibancadas dispostas em semicírculo é o espaço que Raimund Bauer concebeu para esta produção de O rei Roger. Esta cenografia deixa claro que não estamos perante uns factos determinados por circunstâncias históricas ou culturais, mas sim perante um drama de ideias que afecta o homem de qualquer época ou, como Nietzsche escreve em O Nascimento da Tragédia, de uma questão «universal-natural». Este anfiteatro, porém, graças à iluminação de Fabrice Kebour, transforma-se constantemente para servir melhor cada momento singular da acção dramática.

David Pountney opta por marcar visualmente o conflito central da obra, que confronta a vida ordenada e racional que se identifica com Apolo com a vida orgiástica e livre que se identifica com Dioniso, e faz com que as imagens da produção o façam inequivocamente e que o façam também com a beleza que corresponde à qualidade da obra. O espectador reparará nisso com o tratamento do coro, que passa de formar uma cruz estática no início da ópera, a fim de mostrar o carácter rígido da corte que julga com severidade o pastor que até lá chegou, até ao movimento desenfreado do bailado e do coro, que sublinha o carácter báquico da acção quando esta assim o requerer. E o mesmo acontece com o vestuário de Marie-Jeanne Lecca: Preto ou vermelho –progressivamente vermelho à medida que a adesão à nova doutrina se propaga– em função de se as personagens recusam ou aderem ao culto de Dioniso. Mais ainda, num gesto deliberadamente ambíguo, os fatos de Roksana e de Dioniso terminam identificando-se e de cor vermelha também será, no fim, o fato do rei Roger. Esta orientação aplica-se mesmo à posição das personagens na cena, que se colocam reclinadas ou saltam pelas arquibancadas quando perdem rigidez doutrinária. Desta maneira, o espectador poderá seguir, para além da ambiguidade do texto e da sobriedade da acção dramática, o processo real que afecta cada uma das personagens.

A encenação de Pountney, por outro lado, sublinha, também com a gestualidade, o que cada cena significa: O substantivo contacto físico dos corpos –facto que aponta a uma atracção explícita do rei pelo belo pastor–, a atribuição à presença de Roksana no início do segundo acto, que parece sugerir que aquilo que se vê e se ouve tem lugar apenas na mente de Roger, ou também a água que o rei Roger deita sobre a sua cabeça como se fosse um novo batismo, antes de mostrar, com o seu hino ao Sol, a sua adesão ao mundo ordenado e racional de Apolo.

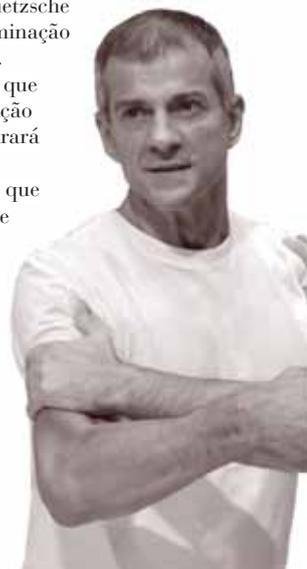
«Tal como mostraram algumas produções recentes, O rei Roger é uma ópera semeada de escolhos, mas não posso imaginar uma representação melhor do que a nova versão de David Pountney, que parece ter decidido que a última coisa de que precisa uma partitura tão deliciosamente perfumada é acrescentar-lhe exuberância [...]. Pountney abandonou a ambientação original em Palermo a favor de uma abstracção austera, embora soube encher a cena com uma direcção rigorosa. O cenário de Raimund Bauer, levemente curvado e escalonado, sugeria ser o fragmento de um anfiteatro, enquanto que as suas superfícies lisas e brancas eram imaginativamente iluminadas por Fabrice Kebour. Para além disso, no acto final, vão tornando-se cada vez mais vermelhas, como se todo o mundo ficasse manchado com o sangue do sacrifício.»  
JOHN ALLISON: *Król Roger em Bregenz* («Opera», Outubro de 2009).

«O facto de que Szymanowski converta em tema a sua própria homossexualidade é aproveitado por David Pountney para torná-la protagonista da encenação. Com este intuito, o cenógrafo Raimund Bauer concebeu uma escada que vai enchendo o espaço em todo o seu esplendor, que se prolonga para cima de uma maneira notavelmente abrupta, sobre a qual o encenador inglês, perfeitamente sustentado pela iluminação de Fabrice Kebour, que também consegue destacar da melhor maneira possível o vestuário modestamente confeccionado por Marie-Jeanne Lecca, é capaz de provocar



Anne Schwanewilms

Pavlo Tolstoy e o Coro do Gra



Francisco Vas | Scott Hendricks

um fogo-de-artifício teatral em que as condições extáticas da ópera se mostram abertamente, de maneira que, nos momentos de maior exaltação, o torvelinho estrutura-se sobre os corpos e as cores.»

K. F. SCHULTER: *König Roger em Bregenz* («Das Opernglass», Setembro de 2009).

«Razão e instinto, ethos e eros, juízo e ímpeto, apolíneo e dionisíaco –estas são as polaridades da arcaica parábola do rei siciliano Roger, da sua esposa Roxane e de um pastor carismático, cujo encantamento ninguém pode resistir. Um messias da beleza e da sedução. [...] Hipnotizados pela promessa de uma recompensa terrena, todos seguem-no até à morte. Apenas o rei, no fim da obra, volta-se-lhe de costas e dirige-se para o Sol, isto é, para a felicidade sublimada da epifania espiritual. [...] Raimud Bauer criou um espaço unitário simples –apenas em aparência– que tecnicamente resulta extremamente complicado: A multidão piedosa face à tentação (primeiro acto), a prova de força entre o rei e o pastor (segundo acto) e a vitória do novo guru (terceiro acto) localizam-se sobre os degraus de um anfiteatro abstracto. O salvador misterioso entra em cena como um jovem meio nu de aparência dourada, uma essência mágica de carácter hipnótico que imediatamente conquista a multidão [...]. A encenação de David Pountney evita a acção frenética e atinge uma tensão concentrada em todos os níveis.»

«Opernwelt», Outubro de 2009.



oro do Gran Teatre del Liceu



## ENTREVISTA:

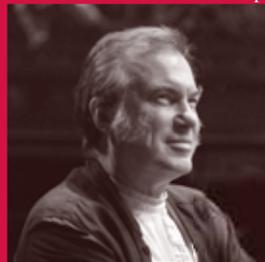


**GTL– Karol Szymanowski é um compositor bastante desconhecido para o público do Liceu. Embora seja muito apreciado, a sua obra aparece muito pouco nas programações. Como descreveria a sua música?**

Josep Pons.– Karol Szymanowski integra-se dentro dos compositores que reagem perante a hegemonia de Wagner, com o intuito de pesquisar uma alternativa e sem poder esconder, ao mesmo tempo, uma grande fascinação pela sua obra. Depois da Primeira Guerra Mundial, os centros musicais voltam a agrupar-se e pesquisam uma resposta genuinamente «nacional» à contundente tradição germânica: Bartók na Hungria, Smetana e Janáček na Checoslováquia, Debussy e posteriormente Ravel na França e Manuel de Falla na Espanha. Não há dúvidas de que Chopin é o precursor deste nacionalismo polaco, e um compositor de uma elegância, de uma complexidade harmónica e de uma beleza melódica que mais tarde desenvolverá o próprio Szymanowski. Embora seja um compositor do seu tempo, o autor de *O rei Roger* absorveu toda a tradição do século XIX, um século muito potente no que diz respeito à música. **Tem uma sonoridade, um tipo de harmonia e uma linha melódica que se podem considerar perfeitamente como extáticas. O que procura é o hedonismo e o refinamento.** Encontramos esta mesma característica em obras como *Daphnis et Chloé* de Ravel, os *Gurrelieder* de Schönberg e em determinadas obras de Debussy (*La mer*, *Prélude à l'après-midi d'un faune*) e do nacionalista russo Nikolai Roslavets. Compositores ou obras que necessitam, antes de nada, uma luz adequada, uns volumes muito equilibrados e controlados e a textura justa.

**GTL– Todas estas características de que fala, para além de se encontrarem em *Król Roger*, estão igualmente presentes em obras como o *Stabat Mater* ou a *Sinfonia núm. 3*, que também dirigirá no Liceu?**

J. P.– As três obras partilham uma sonoridade harmónica sensual, uma cor instrumental extática, uma textura da orquestra e um tratamento da forma versáteis. Mas, em *Król Roger*, a escrita é diferente porque Szymanowski é muito consciente do pó teatral que a obra tem de ter. No tratamento do coro, é onde podem ser encontradas as diferenças mais importantes. É certo que, no primeiro acto de *Król Roger*, os corais apresentam o estatismo marmóreo de um grande oratório, mas isto é também um recurso dramático de Szymanowski para sublinhar o momento em que todos irão cair nos braços das forças dionisíacas. Este conflito entre o culto à beleza pura do mundo apolíneo e o desenfreamento dionisíaco tem uma correspondência muito explícita a nível tímbrico: Melodias de grande beleza e claridade, com luz própria, no primeiro caso; e ritmos muito mais sensuais e representados pela noite e pela escuridão no segundo.



**GTL– Quais serão as imagens da encenação para representar este conflito?**

David Pountney.– O conflito estabelece-se entre dois mundos: Um mundo representado pela figura de Roger (ordem e racionalidade) e o outro pela figura do pastor, a encarnação de Dioniso. Mas, precisamente, Roger tem este debate na sua mente durante toda a ópera. Enquanto que o povo tem, no início, uma reacção de recusa face ao pastor, recusa que imediatamente se converterá em veneração. Roger,

um homem inteligente, mais racional e tolerante, está disposto a ouvir o pastor, sabe que este tem alguma coisa para dizer-lhe. A seguir, podemos perguntar-nos se Roger se deixará levar por esta concepção dionisíaca da vida, e a minha resposta é definitivamente que não. Precisamente, o fim da ópera é um final musicalmente muito triunfante, combinado com a cena do Sol Nascente, uma coisa que achamos muito optimista. **Julgo que o que Szymanowski nos quer explicar é que o conhecimento de todas as possibilidades da vida nos torna mais fortes, e que a repressão ou a «auto-repressão» podem chegar a ser tão catastróficas como o excesso.**

DAMIÀ CARBONELL



Will Hartmann i Anne Schwanewilms

# Full informatiu

Núm. 87 2 de Novembre de 2009



Gran Teatre del Liceu

## Concerto Szymanowski

«Em ocasião de *Król Roger*»



Riccarda Merbeth, Agnes Zwierno, Pavlo Tolstoy e Alexander Teliga.

Orquestra Sinfónica e Coro do Gran Teatre del Liceu

Director de orquestra Josep Pons

*Stabat Mater*, Sinfonia núm. 3

Novembre de 2009 Dia 15, às 17 h

Venda de bilhetes



Ópera no Foyer

## Hypermusic Prologue

de Hèctor Parra



Direcção musical Clement Power

Encenação Paul Desveaux

Cenografia Matthew Ritchie

Realização informática Thomas Goepfer

Iluminação Laurent Schneegans

Nova co-produção Gran Teatre del Liceu / Obra Social da Caixa Catalunya / Festival de Ópera de Bolso e Novas Criações / Ircam / Centro Pompidou / Ensemble Intercontemporain (Paris)

Intérpretes Charlotte Ellett e James Bobby Ensemble Intercontemporain

No seu best-seller científico *Warped Passages*, Lisa Randall conseguia transmitir, a um público muito amplo, o esforço por captar a natureza da realidade última de que fazemos parte. Hèctor Parra propõe produzir no público uma estranha sensação de «perda da compreensão e do controlo da realidade» (quase como um «arrepio de hiper-realidade»), de uma realidade que não é exactamente idêntica respeito a como a imaginámos no início. O compositor procura criar no-vas relações musicais entre a voz humana e os instrumentos musicais mediante uma electrónica mais orgânica, vivaz e sensível aos músicos, e realizar uma contribuição à investigação de vanguarda no âmbito da composição e da criação musical assis-tida por computador.

Novembre de 2009 Dias 27 e 28, às 20 h

Venda de bilhetes



El Petit Liceu [O Pequeno Liceu]

## A primeira canção

No Foyer do Gran Teatre del Liceu

Outubro de 2009 Dia 31, às 10.45, 12.45 e 18.00 h

Novembre de 2009 Dia 21, às 10.45, 12.45 e 18.00 h;  
e dia 22, às 10.45 e 12.45 h

## O Superbarbeiro de Sevilha

No Auditório de Cornellà

Novembre de 2009 Dias 28 e 29, às 12 h

Venda de bilhetes



EDICIONS

### Novidade em DVD: *La Cenerentola*



Gravação de *La Cenerentola* de Gioachino Rossini no Liceu (Janeiro de 2008).

Direcção musical: Patrick Summers  
Encenação: Joan Font (Comediants)  
Com Joyce DiDonato, Juan Diego Flórez, David Menéndez, Bruno de Simone, Cristina Obregón, Itxaro Mentxaca e Simón Orfila.

Já à venda na Laie Liceu  
5 % de desconto para os titulares de assinaturas

LAIE LICEU



DVD- *Hagith* de Karol Szymanowski.

Discográfica: Dux Recording Producers. Direcção musical: Tomasz Szreder. Orchestra & Chorus of the Wroclaw Opera. Encenação: Michal Znaniecki (2007).



CD- *Le roi Roger / Prinze Potemkin* de Karol Szymanowski.

Discográfica: Naxos. Andrzej Hiolski, Wieslaw Ochman, Barbara Zagórzanka. Direcção: Karol Stryja & Antoni Wit. Boys Chorus of the Cracow Philharmonic & Polish State Philharmonic Chorus & Orchestra of Katowice & Polish National Radio Symphony Orchestra of Katowice. Concert Hall of the Polish State Philharmonic, Katowice (1990-1993).



Livro- *Karol Szymanowski* de Didier Van Moere. Editorial Fayard (2008).

Livro- *Le Roi Roger. Szymanowski*. Editorial «L'Avant-Scène Opéra» (2009).

Consell de Mecenatge



Telefónica



Patrocinadors i Protectors

ABANTIA - ACCENTURE - AGROLIMEN - ALMIRALL - ATOS ORIGIN - BTV, BARCELONA TELEVISIÓ - BORSA DE BARCELONA - CESPA - FERROVIAL - CHOCOLAT FACTORY - COBEGA - FUNDACIÓN COCA-COLA ESPAÑA - COFELY - DANONE - EL PUNT - ENAGAS - EPSON IBÉRICA - ERCROS - ESPAIS PROMOCIONS IMMOBILIÀRIES - EUROMADI - EXPANSIÓ - FCC, CONSTRUCCIÓN - FERRERO IBÉRICA - FIATC - ASSEGUANCES - FLUIDRA - FUNDACIÓ PUIG - FUNDACIÓ CULTURAL BANESTO - GRAFOS - GRAN CASINO DE BARCELONA, GRUP PERALADA - GVC - INDRÀ - ISS, FACILITY SERVICES - KLEIN - LABORATORIOS INIBSA - LABORATORIOS ORDESA - LICO CORPORACIÓN - MEDIA MARKET - METALQUÍMIA - MONTBLANC - MYLAN - NATIONALE SUISSE - PEPSICO - PHILIPS IBÉRICA - PORT DE BARCELONA - SAGA MOTORS - SANOFI - AVENTIS - SERVIDRE - SOGEUR - TECNICA - TRANSPORTS PADROSA

El Gran Teatre del Liceu ha obtingut la certificació ISO 14001 (Internacional Standard Organization) / EMAS (Ecomanagement and Audit Scheme).

